

## Percepção dos insetos pelos graduandos da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

Eraldo Medeiros Costa-Neto\* e Paula Dib de Carvalho

*Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03, BR 116, 44031-460 Feira de Santana-Bahia, Brazil. E-mail: eraldont@uefs.br Author for correspondence*

**RESUMO.** Estudo desenvolvido sobre a percepção de insetos por 533 discentes de 20 cursos de graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil, revelou que, em geral, o termo “inseto” é usado para designar organismos sistematicamente não-relacionados. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de um questionário simples entre os meses de outubro e dezembro de 1999. A construção da etnocategoria “inseto” fez-se segundo percepções ambíguas, uma vez que os estudantes demonstraram tanto reações de medo, nojo e desprezo pelos organismos incluídos no domínio etnozoológico “inseto”, quanto atribuíram-lhes funções ecológicas, estéticas e utilitárias. O significado emotivo associado ao domínio pode contribuir para o entendimento da percepção individual e do processo de informação cognitiva.

**Palavras-chave:** etnozoologia, etnoentomologia, classificação etnobiológica.

**ABSTRACT. Perception of insects by undergraduates from Feira de Santana State University, Bahia, Brazil.** Study developed on the perception of insects by 533 undergraduates from 20 courses of the Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brazil, has shown that, in general, the term “insect” is assigned to not systematically related organisms. Data were obtained through a simple questionnaire from October to December 1999. The construction of the “insect” ethnocategory has been determined according to ambiguous perceptions, since students have shown reactions of fear, disgust, and disdain toward those organisms included in the “insect” ethnozoological domain, and have attributed ecological, esthetical, and utility roles to them. The emotional meaning associated with this dominion may contribute to the understanding of both individual perception and cognitive information process.

**Key words:** ethnozoology, ethnoentomology, folk biological classification.

Os insetos constituem o maior grupo animal da face da Terra (Borror e DeLong, 1969), sendo conhecidas 1 milhão de espécies de um total de 2,5 milhões que provavelmente ocorrem (Alves, 1998). Eles desempenham importante papel ecológico, pois atuam como herbívoros, decompositores, predadores e parasitoides. Além disso, ocupam lugar de destaque na vida socioeconômica da maioria das sociedades humanas (Overall e Posey, 1988; Posey, 1987b; Cherry, 1997; Costa-Neto, 1998; Pemberton, 1999).

A influência cultural dos insetos pode ser sentida na literatura, língua, música, artes, história representativa, religião e recreação de diferentes sociedades, tanto passadas quanto contemporâneas (Hogue, 1993; Lenko e Papavero, 1996; Costa-Neto, 2000). O estudo das relações homem/entomofauna é

de domínio da etnoentomologia, a qual pode ser definida como o estudo do conhecimento, dos usos e da classificação dos insetos pelo homem (Posey, 1987a).

No que se refere à classificação zoológica popular, os seres humanos percebem, identificam, categorizam, classificam e utilizam os animais de acordo com os costumes e percepções próprios de cada cultura, estabelecendo uma diversidade de interações com as espécies animais nas localidades onde residem (Posey, 1986). Para a ciência ocidental, o termo *Insecta* é um táxon bem definido. No entanto, para a classificação popular, outros artrópodos e mesmo animais sistematicamente não relacionados, como sapo, cobra, lagartixa, jacaré, aranha, lontra etc., são denominados “insetos” (Costa-Neto, 1994, 1995). Mesmo no meio

científico, alguns chegam a rotular diferentes animais como “insetos” (Peronti *et al.*, 1998). A razão pela qual esses animais são percebidos e categorizados como “insetos” pode ser encontrada em Costa-Neto (1999).

Tendo como ponto de partida a construção da etnocategoria “inseto”, este trabalho teve como objetivo verificar o nível de percepção dos insetos pelos discentes dos cursos de graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Esta foi a primeira vez que tal investigação foi realizada no âmbito da UEFS, daí seu caráter pioneiro.

### Material e métodos

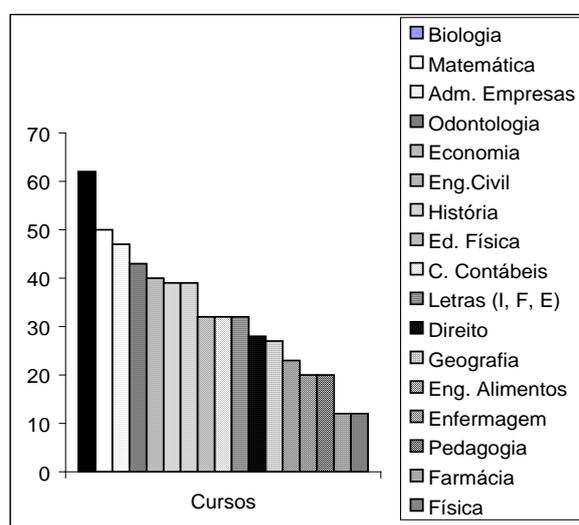
A Universidade Estadual de Feira de Santana oferece 20 cursos de graduação, os quais estão divididos em quatro áreas: Ciências Naturais e Saúde (Farmácia, Odontologia, Educação Física, Enfermagem e Ciências Biológicas); Tecnologia e Ciências Exatas (Engenharia de Alimentos, Engenharia Civil, Matemática e Física); Ciências Humanas (História, Geografia, Pedagogia, Economia, Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Direito); e Letras e Artes (Letras Vernáculas, Inglês, Francês e Espanhol). Cerca de 75% dos cursos são diurnos, restando apenas uma pequena minoria que é noturna.

Os dados foram obtidos mediante o preenchimento de um questionário simples constando de apenas três itens: 1- Para você, o que é um inseto?; 2- Cite exemplos de insetos que você conheça; e 3- Qual a importância dos insetos? O questionário foi aplicado durante os meses de outubro a dezembro de 1999 junto aos estudantes de graduação da UEFS, para os quais era explicada a razão do questionário. Do total de 600 fichas distribuídas, retornaram 558, sendo que 25 não estavam devidamente preenchidas e, portanto, foram consideradas nulas. Os questionários (fichas) encontram-se depositados no Laboratório de Etnobiologia da UEFS para fins de comprovação.

O tratamento dos dados foi feito de forma qualitativa. No entanto, houve dificuldades para a realização do trabalho, tais como: determinados professores não permitiram a abordagem em sala de aula e uma quantidade razoável de alunos não se mostrou interessada em responder ao questionário. Quase todos os entrevistados, principalmente das áreas de Tecnologia e Ciências Exatas, Ciências Humanas e Letras e Artes, sorriam ao perceber que o questionário tratava de insetos. Talvez tenham achado esquisito tal abordagem por surpresa ou por acharem que os insetos não mereciam tamanha perda de tempo.

### Resultados e discussão

Os estudantes entrevistados são provenientes de várias cidades do Estado da Bahia (ao todo são 73 cidades) e também de outras localidades do País, como Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe. O curso de Ciências Biológicas teve um número mais elevado de informantes devido à facilidade de abordagem e interesse dos alunos na pesquisa (Figura 1). Os cursos de Física e Farmácia apresentaram um número pouco significativo de entrevistados, sendo que no primeiro existiram dificuldades na abordagem e o segundo possuía apenas uma turma em atividade, uma vez que começou a funcionar a partir do segundo semestre de 1999.



**Figura 1.** Discentes entrevistados (N= 533), distribuídos segundo os cursos que freqüentam

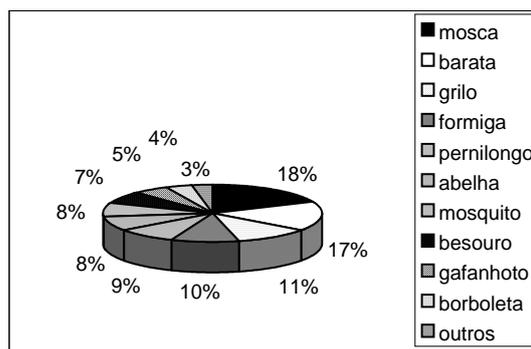
Quando questionados sobre “Para você, o que é um inseto?”, os 533 discentes entrevistados definiram os insetos de acordo com a seguinte tipologia de caracteres: conceitual, utilitário, ecológico, afetivo, nocivo, desprezível e estético. O caráter conceitual foi o mais citado (*e.g.* “É um animal invertebrado”; “É um artrópodo”), seguido do caráter ecológico (*e.g.* “Animal invertebrado artrópodo que faz parte da cadeia alimentar”; “Auxilia na polinização”). Alguns conceituaram os insetos identificando-os como seres humanos, como “FHC” e “Pessoas que incomodam”. O caráter nocivo apareceu quando os entrevistados responderam com frases do tipo “Monstro malvado” e “Um ser daninho”. Demonstrando o caráter desprezível, foram citadas muitas frases no estilo: “Um bichinho chato que incomoda bastante”. Frases do tipo: “É um bichinho bonitinho”, “Detesto

insetos” e “As abelhas são úteis na produção de mel”, exemplificam os caracteres estético, afetivo e utilitário, respectivamente. Com relação a esta primeira pergunta, a expressão “Não sei” apareceu em 40% das respostas.

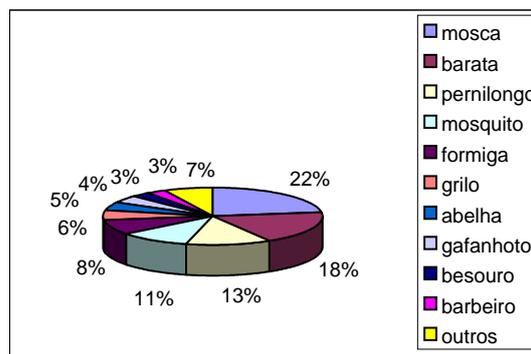
Os discentes exemplificaram 51 tipos diferentes de “insetos” (Tabela 1). Na pesquisa, foram considerados os dez insetos mais citados pelos entrevistados, quais sejam: mosca, barata, grilo, pernilongo, mosquito, formiga, abelha, gafanhoto, besouro e borboleta. Também foram considerados os dez insetos mais citados por área e suas respectivas porcentagens (Figuras 2, 3, 4 e 5). Em todas as áreas, exceto a de Letras e Artes, a palavra “inseto” foi usada para designar diferentes animais, tais como: aranha, carrapato, escorpião, rato, *Tripanossoma cruzi*, homem etc. Pôde ser observado que dentro do curso de Ciências Biológicas foram citados animais não-insetos fazendo parte da classe Insecta, tais como aranha, escorpião e centopéia. Isso ocorreu porque os entrevistados cursavam do primeiro ao terceiro semestres e, dessa maneira, ainda não haviam passado pelas disciplinas Zoologia dos Invertebrados III e Entomologia, as quais são cursadas em semestres mais avançados. Mesmo assim, era de se esperar que os entrevistados não incluíssem animais não-insetos como “insetos” uma vez que, no processo educativo formal, os indivíduos recebem informações sobre zoologia desde a sexta série do primeiro grau. A etnocategoria “inseto”, portanto, é bastante elástica, abrangendo vários táxons além da classe Insecta, como mamíferos, aves, anfíbios, répteis e outros artrópodos.

**Tabela 1.** Listagem dos “insetos” citados pelos informantes (N = 533)

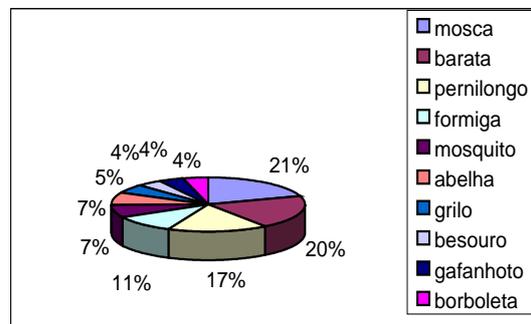
| “Insetos” citados  | “Insetos” citados         |
|--------------------|---------------------------|
| Mosca              | Escaravelho               |
| Barata             | Carrapato                 |
| Grilo              | Piolho                    |
| Pernilongo         | Esperança                 |
| Mosquito           | Louva-a-deus              |
| Formiga            | Lagarta                   |
| Abelha             | Traça                     |
| Gafanhoto          | Cigarra                   |
| Besouro            | Centopéia                 |
| Borboleta          | Arapuá                    |
| Barbeiro           | Minhoca                   |
| Aranha             | Serra-pau                 |
| Homem              | Bicho-da-seda             |
| Vespa              | Lagartixa                 |
| Percevejo          | Pulgão                    |
| Pulga              | Potó                      |
| Mosquito-da-dengue | Lacraia                   |
| Muruim             | Lesma                     |
| Cupim              | Ácaro                     |
| Joaninha           | Mamangava                 |
| Mariposa           | <i>Tripanossoma cruzi</i> |
| Libélula           | Tatuzinho                 |
| Escorpião          | Vaquinha                  |
| Cascudo            | Cavalo-do-cão             |
| Marimondo          | Rato                      |
| Vaga-lume          |                           |



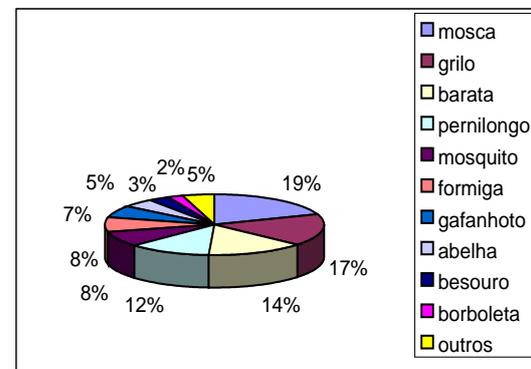
**Figura 2.** Porcentagem dos insetos mais citados pelos estudantes dos cursos da Área de Ciências Naturais e da Saúde (N = 162)



**Figura 3.** Porcentagem dos insetos mais citados pelos estudantes dos cursos da Área de Tecnologia e Ciências Exatas (N = 116)



**Figura 4.** Porcentagem dos insetos mais citados pelos estudantes dos cursos da Área de Letras e Artes (N = 28)



**Figura 5.** Porcentagem dos insetos mais citados pelos estudantes dos cursos da Área de Ciências Humanas (N = 227)

Esta característica da classificação etnozoológica, de acordo com Costa-Neto (1999), é explicada pela hipótese da ambivalência entomoprojetiva. Segundo o autor, os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, nojo e menosprezo a animais não-insetos (inclusive pessoas), associando-os à categoria “inseto” determinada culturalmente. Nolan e Robbins (1999) apoiam a hipótese de que a organização de domínios etnozoológicos (“aves”, “peixes”, “mamíferos”, “insetos”) é influenciada pelo significado emotivo e atitudes culturalmente construídas com relação aos domínios.

No Brasil, a percepção de “insetos” como seres inferiores remonta ao século XVI. Em 1584, o padre Fernão Cardin já dizia:

*Parece que este clima (referindo-se ao clima do Brasil) influi peçonha, assim pelas infinitas cobras que há, como pelos muitos alacráis, aranhas, e outros animais imundos, e as lagartixas são tantas que cobrem as paredes das casas, e agulheiros delas (in Souza, 1994).*

Melo (1999), trabalhando a hipótese da ambivalência entomoprojetiva no povoado Fazenda Matinha dos Pretos (Bahia), registrou a seguinte frase: “Insetos são todos os bichos, com exceção do que serve de alimento e o (*sic*) que o homem cria”. Estudo desenvolvido no povoado de Mombaça, município baiano de Serrinha, mostrou que os moradores locais percebem os insetos como seres perigosos e venenosos, incluindo aranhas, cobras, morcegos, ratos e lagartixas no mesmo domínio etnozoológico “inseto” (Dias, 1999). Percepção semelhante foi registrada entre os moradores do povoado de Remanso, na Chapada Diamantina (Lima, 1999). Mesmo no meio científico, os insetos são classificados em nocivos e benéficos baseando-se em seus efeitos diretos sentidos pelo homem (Gruzman e Monteiro, 2000).

As sensações de desprezo, medo e aversão, as quais se dão nos órgãos límbicos e neocorticais do cérebro (Soulé, 1997), representam obstáculos para o desenvolvimento de uma estratégia eficaz de conservação das espécies de invertebrados, dado o desafio de uma crise de extinção estimada em larga escala (Kellert, 1993). Nas localidades mais influenciadas pela mídia, que via de regra mostra que os insetos devem ser exterminados, esses animais são mais notados, porém, sempre com uma conotação negativa (Longo e Pires, 1998).

De acordo com Fowler (1997), muitas pessoas não ligam para a presença de insetos, enquanto que outras extrapolam a sua importância. Alucinações sensoriais envolvendo insetos, resultando em

perturbações psicológicas, foram registradas pela primeira vez na literatura entomológica por Pierce, no início da década de 1920 (Smith, 1934). Hillman (*in* Kellert, 1993) considera que uma das bases para explicar a aversão à “monstruosidade” dos insetos vem de uma perspectiva antropocêntrica.

O ato de perceber os insetos (reais e imaginários) como seres desprezíveis, no entanto, parece ser uma característica do homem ocidental. Na Ásia, os povos têm uma relação diferente com os insetos (Pemberton, 1999). Segundo o autor, as culturas asiáticas consideram determinados insetos esteticamente agradáveis, bons para comer, bons como animais de estimação, matérias de esporte (*e.g.*, grilos de briga), agradáveis de se ouvir e úteis na medicina.

No que diz respeito a rotular indivíduos como insetos, observa-se que personificar e/ou associar insetos a seres humanos é uma característica de muitos povos. Para os Astecas, pessoas que faziam coisas erradas e atrapalhadas eram chamadas de *mextecuilli*, um termo também aplicado às larvas dos besouros escaravelhos (Curran, 1937). O povo Mofu que vive no nordeste do Camarão, na África, costuma projetar sobre os insetos seus próprios comportamentos sociais e políticos. A formiga conhecida como *jaglavak*, por exemplo, é considerada como o príncipe dos insetos. As pessoas pedem a essa formiga que as livre de insetos ruins, como o cupim *momok* e o cupim *dlibra*, assim como as serpentes (Seignobos *et al.*, 1996).

Relacionados à importância dos insetos, os estudantes atribuíram-lhes dois valores: positivo e negativo. Cerca de 84% dos entrevistados relacionaram os insetos aos seus valores positivos, como: “Equilibrar o ecossistema”; “Importante na cadeia alimentar e na polinização”; “Produção de mel” (no caso das abelhas); e “Produção de seda” (no caso do bicho-da-seda). Cerca de 10% relacionaram os insetos aos seus valores negativos através de expressões, como: “Transmitem doenças”; “Perturbar quando estou dormindo, pois na minha casa não tem ar condicionado”; “Chupar nosso sangue e nos deixar com manchas” etc. Cerca de 6% dos discentes da UEFS disseram que os insetos não tinham importância alguma. Cerca de 5,3% dos entrevistados das áreas de Tecnologia e Ciências Exatas e Ciências Humanas não opinaram.

Fernandes *et al.* (2000), ao investigarem a percepção dos insetos pelos docentes dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos (SP), afirmam que embora os informantes tenham apresentado sentimentos negativos referentes aos insetos, 92,13% declararam que os

mesmos podem ser benéficos, enfatizando o papel dos insetos na interdependência das espécies na natureza. Estes resultados contrapõem-se aos achados de Peronti *et al.* (1998), que constataram que a população não-discente de São Carlos atribuiu aos insetos mais prejuízos que benefícios, uma vez que são percebidos como seres nojentos, sujos e perigosos. Talvez isto esteja relacionado ao menor grau de escolaridade dos entrevistados.

De acordo com Posey (1987b), as categorias cognitivas (domínios etnozoológicos) não devem ser consideradas como universais e devem ser inferidas usando-se uma abordagem metodológica que permita ao observador “descobrir” paradigmas conceituais ao invés de impô-los à sociedade em estudo. Como o autor afirma, os sistemas de classificação etnobiológicos não se enquadram em esquemas classificatórios que a Biologia procura, artificialmente, organizar (Posey, 1986).

Os dados reforçam a tese de que a categoria etnozoológica “inseto” é construída culturalmente, uma vez que insetos e artrópodos de um modo geral são percebidos e classificados de acordo com sentimentos ambíguos, os quais vão de uma atitude mais positiva (conservadora) a uma atitude negativa (destrutiva). A hipótese da ambivalência entomoprojetiva sai, portanto, reforçada. O entendimento do significado emotivo pode contribuir como um componente para a percepção individual e processo de informação cognitiva e, talvez, para a estruturação cultural através de imagens e estereótipos (Nolan e Robbins, 1999).

### Agradecimentos

Os autores agradecem a todos os discentes da UEFS pela participação na pesquisa. Também agradecem às sugestões e comentários dos consultores anônimos.

### Referências bibliográficas

- Alves, S.B. (ed.). Patologia e controle microbiano: vantagens e desvantagens. In: *Controle microbiano de insetos*. Piracicaba: FEALQ, 1998. p. 21-27.
- Borror, D.J.; Delong, D.M. *Introdução ao estudo dos insetos*. São Paulo: Edgard Blücher, 1969.
- Cherry, R.H. Native American mythology. *Cultural Entomology Digest IO Vision 4*, 1997. Disponível na Internet em URL: <http://www.insects.org/ced4/mythology.html>. Acesso em 27/11/1997.
- Costa-Neto, E.M. *Etnoentomologia alagoana, com ênfase na utilização medicinal de insetos*. Maceió, 1994. (Monografia de Iniciação Científica Pibic/CNPq/Ufal) - Universidade Federal de Alagoas.

- Costa-Neto, E.M. Classificação de insetos: aspectosêmicos. In: ENCONTRO DE ZOOLOGIA DO NORDESTE, 10, 1995, João Pessoa. *Resumos...* João Pessoa: UFPB, 1995. p. 127-128.
- Costa-Neto, E.M. O significado do Orthoptera (Arthropoda, Insecta) no Estado de Alagoas. *Sitientibus*, 18:9-17, 1998.
- Costa-Neto, E.M. A etnocategoria “inseto” e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva. *Acta Biol. Leopold.* 21(1):7-14, 1999.
- Costa-Neto, E.M. Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos. Feira de Santana: UEFS, 2000.
- Curran, C.H. Insect lore of the Azteca. *Nat. Hist.*, 39:196-203, 1937.
- Dias, C.V. *Etnoentomologia no povoado de Mombaça, município de Serrinha, Bahia*. Feira de Santana, 1999. (Relatório de conclusão de estágio voluntário) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Fernandes, L.B.R.; Cirelli, K.R.N.; Matrangolo, W.J.R.; Pacheco, J.M. O que o doutor acha dos insetos: percepção dos docentes da pós-graduação da UFSCar sobre os insetos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 3, 2000, Piracicaba. *Resumos...* Piracicaba: Esalq-USP, 2000. p. 58.
- Fowler, H.G. Casos de clepto-parasitosis paranóico em moradores urbanos. *Revista Bioikos*, 11(1-2):50-51, 1997.
- Gruzman, E.; Monteiro, R.F. Guia ilustrado de insetos da restinga de Jurubatiba (RJ). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 23, 2000, Cuiabá. *Resumos...* Cuiabá: UFMT, 2000. p. 714.
- Hogue, C. Cultural entomology. *Cultural Entomology Digest IO Vision 1*, 1993. Disponível na Internet em URL: [http://www.insects.org/ced1/cult\\_ent.html](http://www.insects.org/ced1/cult_ent.html). Acesso em 22/08/1998.
- Kellert, S.R. Values and perceptions of invertebrates. *Conserv. Biol.*, 7:845-854, 1993.
- Lenko, K.; Papavero, N. *Insetos no folclore*. 2.ed. São Paulo: Plêiade, 1996.
- Lima, T.C.A. *Etnoentomologia de um grupo afro-brasileiro da Chapada Diamantina, Brasil*. Feira de Santana, 1999. (Relatório de Iniciação Científica Probic/CNPq/UEFS) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Longo, P.L.; Pires, J.S.R. Análise da percepção em relação à fauna encontrada próxima ou dentro das casas de estudantes de diferentes localidades - São Paulo, São Carlos e Água Vermelha. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 2, 1998, São Carlos. *Resumos...* São Carlos: UFSCar, 1998. p. 113.
- Melo, M.N. Ocorrência da etnocategoria “inseto” e utilização de animais como recursos medicinais no povoado Fazenda Matinha dos Pretos, Bahia. In: ENCONTRO BAIANO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 1, 1999, Feira de Santana. *Resumos...* Feira de Santana: UEFS, 1999. p. 55-56.

- Nolan, J.M.; Robbins, M.C. Emotional meaning and the cognitive organization of ethnozoological domains. In: ANNUAL CONGRESS OF THE SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY, 22, 1999, Oaxaca. *Abstracts...* Oaxaca: Centro Cultural Santo Domingo, 1999. p. 20.
- Overall, W.L.; Posey, D.A. Uso de formigas *Azteca* spp. para controle biológico de pragas agrícolas entre os índios Kayapó do Brasil. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ETHNOBIOLOGY, 1, 1988, Belém. *Proceedings...* Belém: UFPA, 1988. p. 218-225.
- Pemberton, R.W. Insects and other arthropods used as drugs in Korean traditional medicine. *J. Ethnopharmacol.*, 65:207-216, 1999.
- Peronti, A.L.B.G.; Nardy, R.M. de C.; Ayres, O.M.; Ronquim, J.C.; Ronquim, C.C. Percepção ambiental da população de São Carlos (SP) sobre os insetos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 2, 1998, São Carlos. *Resumos...* São Carlos: UFSCar, 1998. p. 98.
- Posey, D.A. Entomologia de tribos indígenas da Amazônia. In: Ribeiro, D. (ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes/Finep, 1986. p. 251-272. v. 1. Etnobiologia.
- Posey, D.A. Etnobiologia e ciência de *folk*: sua importância para a Amazônia. *Tübingen Geograph. Stud.*, 95:95-108, 1987a.
- Posey, D.A. Tópicos e inquirições em etnoentomologia: algumas sugestões quanto à geração e teste de hipóteses. *Bol. Mus. Emílio Göeldi, Sér. Antropol.*, 3(2):99-134, 1987b.
- Seignobos, C.; Deguine, J.P.; Aberlen, H.P. Les Mofu et leurs insectes. *J. D'Agricult. Tradic. Botan. Appliq.*, 33(2):125-187, 1996.
- Smith, R.C. Hallucinations of insect infestation causing annoyance to man. *Bull. Brooklyn Entomolog. Soc.*, 29:208-210, 1934.
- Soulé, M.E. Mente na biosfera, mente da biosfera. In: Wilson, E.O. (ed.). *Biodiversidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 593-598.
- Souza, L. de M. O diabo e a Terra de Santa Cruz: *feiticeira e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Received on March 24, 2000.

Accepted on May 31, 2000.